

Brizola e Collor trocam agressões em programa de TV

Florência Costa

Um verdadeiro duelo televisivo entre os dois maiores rivais desta campanha eleitoral — o candidato do PRN, Fernando Collor de Mello, e o candidato do PDT, Leonel Brizola — foi programado para o horário noturno de ontem da TV Corcovado, do Rio de Janeiro. Em dois programas diferentes — um marcado para 21h30, e o outro para 23h20 — realizados por produtoras independentes que compram o horário da TV, os dois candidatos se agridem mutuamente. Brizola chama Collor de "playboy". Este, por sua vez, responde afirmando que não vai "descer a ribanceira e chafurdar no mar de lama em que o candidato (Brizola) costuma exercer sua prática política".

Tudo começou na quarta-feira, quando o dono da produtora Piatã, Jair Marchesini, simpaticista da candidatura Collor, descobriu que o candidato do PDT seria o entrevistado de um programa especial, chamado *Brizola responde aos evangélicos*, organizado pelo pastor da Assembleia de Deus, Silas Malafaia, que apóia a candidatura de Brizola, e marcado para ser transmitido às 21h30 de ontem. Numa operação relâmpago e sigilosa, Marchesini e o entrevistador do programa *O Rio é nosso* — que vai ao ar todos os dias na TV Corcovado, às 23h20 — Murillo Neri, ligaram para Brasília avisando a Collor e propondo que ele fosse o entrevistado do dia.

"Nossa intenção era de não deixar em branco as críticas de Brizola", explicou Jair Marchesini. Collor aceitou na hora. E marcou a gravação para 18h do mesmo dia, no seu comitê eleitoral. Mas o dono da produtora Piatã esbarrou num obstáculo: não tinha equipamento disponível para transportar para Brasília.

Evangélicos — "Então nós alugamos o equipamento dos próprios pastores que fizeram o programa com o Brizola. E eles nem desconfiaram", vangloria-se Marchesini, mostrando a nota fiscal com a marca da produtora Sifran Vídeo e Produções, e o preço pelo aluguel do equipamento de externa com edição e transcodificação, NCz\$ 300. "E nós utilizamos ainda o câmara e o auxiliar da produtora do pastor Silas Malafaia, responsável pela produtora Sifran", contou Marchesini, que utilizou um jatinho para transportar os equipamentos para Brasília.

Cumprida a tarefa, restou a ansiedade para ver o resultado final. "Não consegui dormir de quarta para quinta-feira, de tão excitado que estava", lembra Murillo Neri, eleitor de Collor e inimigo ferrenho de Brizola.

Sem saber que seu rival, Fernando Collor de Mello, seria o entrevistado do programa *O Rio é nosso*, Brizola — que gravou às 8h30 de ontem, num estúdio dentro da TV Corcovado — utilizou a maior parte do programa *Brizola responde aos evangélicos*, para apagar a ima-

gem — muito divulgada no meio evangélico — de que é um comunista e ateu, e para expor o principal ponto de seu programa, a construção de Cieps (Centros Integrados de Educação Pública) e a realização de um programa de assistência materno-infantil. Somente no intervalo do último bloco do programa Brizola foi avisado de que a entrevista de Collor seria transmitida depois da sua. Iniciada a gravação da última etapa de sua entrevista, Brizola aproveitou para atingir seu adversário:

"Francamente, não posso acreditar que o povo vai depositar esperanças num **playboy**", atacou. "Enquanto jovens eram torturados, morriam, ele (Collor) estava lá, divertindo-se. E não era criança não. Tinha 20 e tantos anos. Eu, nessa idade, já era deputado", comparou Brizola, lembrando que o candidato do PRN foi prefeito de Maceió, nomeado pela ditadura militar. "Fico assombrado. Estamos diante de uma nova cara, com atos programados, irresponsáveis. Ele não tem idoneidade para assumir responsabilidades. O povo não vai cair nessa", finalizou.

Lama — Sentado à frente de uma faixa com seu nome e uma foto sua, Fernando Collor de Mello respondeu a seu adversário Brizola antes mesmo de saber o conteúdo dos ataques que sofreria no programa anterior. O entrevistador Murillo Neri apresentou a senha para que Collor começasse o ataque: "Há poucos minutos, nesta mesma emissora, no canal 9, Brizola fez acusações sérias e o atacou", disse Murillo. Collor, esquecendo de sua nova tática de não citar nos seus discursos o nome de Brizola, para minimizar sua candidatura, respondeu:

"A esses ataques, à ira e ao ódio demonstrados pelo candidato do PDT, Leonel Brizola, pretendo responder com idéias e votos. Votos que vão colocar na prática minhas idéias, que vão reconstruir o Brasil e que vão impedir, pela via democrática, do voto, que pessoas como o ex-governador Leonel Brizola não mais atormentem a vida do cidadão brasileiro. Desejamos construir, não destruir, desejamos crescer, não descer a ribanceira e chafundarmos na lama em que o candidato costuma exercer sua prática política", atacou o candidato do PRN.

Ao prometer que "vai levar o Rio à forra", Collor afirmou que o Rio de Janeiro "alcançou este nível de deterioração a partir do governo do PDT, de Leonel Brizola, que, com o conluio do crime organizado e da contravenção penal, transformou o Rio numa cidade insegura". Depois, ao ser questionado se deixaria de vir ao Rio para evitar manifestações de brizolistas, Collor avisou: "No Brasil, não existem áreas consideradas de A ou de B. A população do Rio não aceita ser tratada como gado diante do curral. Se houver isso serei o primeiro a arrebanhar a porta deste curral".

De Brizola sobre Collor



□ "Francamente, não posso acreditar que o povo vai depositar esperanças num **playboy**. Enquanto jovens eram torturados, morriam, ele estava lá, divertindo-se. E não era criança não. Tinha 20 e tantos anos. Eu, nessa idade, já era deputado. O

Collor foi prefeito nomeado pela ditadura militar. Fico assombrado. Estamos diante de uma nova cara, com atos programados, irresponsáveis. Ele não tem idoneidade para assumir responsabilidades. O povo não vai cair nessa."

De Collor sobre Brizola



■ "A esses ataques, à ira e ao ódio demonstrado pelo candidato do PDT pretendo responder com idéias e votos, que vão impedir que pessoas como Brizola não mais atormentem a vida do cidadão. Desejamos crescer, não descer a ribanceira e chafardarmos na lama em que o

candidato costuma exercer sua prática política. O Rio alcançou este nível de deterioração a partir do governo de Brizola, que com o conluio do crime organizado e da contravenção penal o transformou numa cidade insegura."